

Perdão, perdão, perdão

*Aprendi com um professor de literatura que sempre que se escreve se pede perdão, ele dizia que é duro o peso de tudo o que se disse antes de mim. E ainda mais duro o peso de tudo o que não pude dizer - e ainda é possível que seja dito, mas não por mim. Tão duro que, para não desistir de dizer, só posso pedir perdão por ousar dizer. Lacan em algum momento diz que Freud, mesmo ele, e principalmente ele, sonhou um pedido de perdão: tão grave quanto dizer, era ousar **curar** aquilo que ninguém mais queria dizer.*

Assim aproveito vocês, para pedir, em nome de meus fracassos,

Perdão de dizer, perdão de dizer demais (do que não sei) e perdão... de mal-dizer,

Toxicomania e Cinismo

Na ata de encerramento da jornada de cartéis da Escola Freudiana de Paris, em 1975, uma frase proferida por Lacan se tornaria o mantra de todos que estudam a toxicomania pela perspectiva lacaniana: “*A droga é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi*”.

De cara, a dimensão do falo emerge como algo essencial a se entender para iniciar o estudo da toxicomania, é preciso tomá-la como precedente para considerar o que Lacan chamou de ruptura. Do termo “*pequeno-pipi*” podemos dissecar pelo menos duas direções a tomar: a primeira é sexual, sem dúvida, mas não no sentido corriqueiramente biológico, e sim no sentido lógico da parcialidade dos objetos sexuais, nunca inteiros neles mesmos, sempre faltosos por excelência, possibilitando (des)encontros, (des)encaixes, mas desde os encontros e desde os encaixes.

A segunda, ainda numa referencia muito clara ao pequeno Hans e a seu pequeno, porém instigante, fazedor de pipi (*wiwimacher*), que não lhe servia apenas para atazanar os adultos querendo saber quem tinha e quem não tinha, mas também indicava sua posição na fase fálica, isto é, no domínio da linguagem, de classificação e nomeação do mundo a partir de uma lógica binária, de presença/ausência do pênis.

A questão do falo em Lacan precisa ser pensada em relação à linguagem, mais especificamente aos campos da lógica, da matemática e da linguística, como fica evidente no escrito “*A significação do falo*”. A função do falo é de rateio, de razão - sentido matemático - entre os significantes. Ela é intrínseca ao processo de construção de sentido, ao recalque secundário que possibilita a coerência e a partilha de um senso comum de realidade entre indivíduos. E, embora seja tributária da diferença que se impõe desde a biologia dos corpos, não pode se tornar refém dela.

O falo, para Lacan, é um significante selecionado da bateria de significantes para ocupar a função de mediar a relação entre os significantes e os significáveis, ou seja, outros significantes que poderão sofrer o efeito do sentido, isto é, poderão ser significados. Essa marca, de quais serão o quê, é dada pelo significante fálico.

Lacan trabalha o conceito de falo privilegiando o sentido da cópula, mas a cópula lógica, acima de tudo, uma cópula que tem a ver com a função gramatical do

verbo numa frase, a função de conectar sujeito e predicado. Essa conexão só pode ser compreendida quando passamos a pensar a estrutura de linguagem do inconsciente a partir das leis de linguística reelaboradas por Lacan. Reelaboradas porque, nunca é demais insistir, o que Lacan definiu como significante não é o mesmo que Ferdinand Saussure definiu, embora tenha este tenha sido a referência daquele.

Quando penso que o sentido é o efeito resultante de uma interação entre significantes, preciso em seguida pensar como se organizam os significantes para que um seja o significado de outro. Nesse texto dos escritos, Lacan chama essa necessidade aglutinante de *paixão do significante* e o elemento que dirá quais significantes serão agentes da significação e quais sofreram seus efeitos, quais serão os *significáveis*, os passivos dessa cópula, é o falo. De modo que faz sentido manter essa palavra para além da conotação peniana que ela pudesse ter numa outra leitura.

Assim, quando fala de romper um casamento por meio da droga, o que Lacan está nos dizendo é que a toxicomania *permite* ao sujeito uma ruptura dessa função fálica. Sendo esta a de nomear, classificar, se apropriar e, portanto, gozar do mundo com o poder (sim, *poder*, pois o gozo fálico e isso Lacan nos diz no seminário 23 do *sinthome*, tem a ver com o poder, sim) de ocupar nele uma posição, ainda que faltosa.

É importante frisar que a ruptura com o gozo fálico é também uma ruptura com o poder. Porque há uma confusão antiga que pensa primeiro a toxicomania como estrutura e segundo como uma forma de perversão. Nem uma coisa, nem outra.

Mas antes de entrar nas classificações, quero enfatizar ainda o *permite* da frase de Lacan. Essa palavra passa a ideia de uma concessão, de uma solução, ou ainda, numa visão mais freudiana, de conseguir achar uma saída para o mal-estar na civilização. Que é como Freud apresenta, por sua vez, a toxicomania em 1930: uma das saídas possíveis para um sujeito acossado pelas demandas da linguagem. Sendo que as outras são o trabalho, o amor e o exílio.

E quais então são as particularidades do artefato droga?

Primeiro, a droga age diretamente no corpo. Trata-se, independente de mais nada, de uma saturação, como se diz na química. De encher o corpo de uma substância até que sobre mais substância do que pode ser metabolizado ou assimilado pelo sistema.

Esse resto, essa sobra, como a que fica no fundo de um tubo de ensaio, substituirá a cada vez o impulso metonímico de buscar alguma outra coisa, de se deslocar para outro objeto, ou seja, de desejar. Na medida em que o corpo fica abarrotado de um objeto concreto, de uma substância sólida, o que se apaga é precisamente o inconcreto, o inefável do sujeito, a sua divisão subjetiva.

Por isso a toxicomania não se rende à classificação psicanalítica de sintoma, não podendo ser descrita como uma formação de compromisso entre o recalque e o gozo, devendo ser pensada como uma nova forma sintomática, onde o que está em jogo é uma tentativa de escapar a qualquer demanda feita pela linguagem, pelo Grande Outro, pelas cobranças da vida, do mundo e, principalmente, dos próprios ideais que cada um carrega consigo.

A toxicomania é uma solução, portanto, cínica, no sentido do homem que goza em praça pública, como nos coloca Jésus Santhiago em seu livro “A droga do Toxicômano”. Um homem se masturba à vista de todos, ao mesmo tempo negando o domínio que a comunidade possa ter sobre ele e dizendo que não precisa de uma mulher, ou de outro corpo que seja, para gozar.

Trata-se de solução para afrontar o Grande Outro dizendo-lhe ao mesmo tempo que pode escapar dele. E que visa, no fundo, um caminho substituto ao caminho oferecido pelo pai para a felicidade e para o bem. Um caminho autossuficiente que não passe pelos desencontros e solavancos do contato com o Outro sexo, que não precise se deparar com as decepções, frustrações, com a castração, com a falta.

Na psicose, dita ordinária pois não delirante (definição essa dada por Jacques Alain Miller), ela não substitui, mas compensa a ausência de um significante que pudesse amarrar a estrutura e reconhecer os significantes em suas funções simbólicas. Como uma prótese acoplada ao sujeito para estabilizá-lo; no lugar onde não entrou Nome-do-Pai, entra muitas vezes o nome do produto. O sujeito se reconhece, então, alcoolista ou dependente químico e ganha lugar, como se diz, *só por hoje*, e a cada vez de novo, seja num grupo de apoio - solução menos destrutiva, mas também, e necessariamente, alienante - seja no uso em si. Ele usa como quem diz: “a droga me define, me dá identidade, não sou eu quem a escolho, é ela que me escolhe”.

Para pensar a relação do sujeito com uma substância, é preciso pensá-la como inserida em alguns discursos.

No discurso da ciência, temos a tênue linha que separa o remédio do veneno. Muitas das drogas em uso hoje ou foram criadas originalmente na pesquisa por medicamentos - como é o caso da cocaína - ou são defendidas como terapêuticas - como é o caso da maconha. A promessa da ciência é curar o mal-estar pela simbolização, mas uma simbolização onde toda pergunta pelo *por quê* é substituída pelo *como*.

Exemplifico: não é necessário para a ciência perguntar por que a maçã caiu da árvore, já que ela – a ciência - pode descrever, equacionar e definir todos os processos e leis em torno da queda. A falta de sentido da vida é gradativamente substituída por um ideal de humano protético, onde cada falta pode ser compensada por um *gadget*. Ou, se quiserem, por um novo aplicativo.

A ciência, sabemos, não quer saber de suas intenções. Quando produz uma droga, por exemplo, esconde o complexo processo que foi estabelecer para que ela serve, para que ela foi originalmente produzida, a multiplicidade de seus efeitos e como foi decidido quem poderia vendê-la e comprá-la.

Nesse ponto, compra e venda, o discurso gira, e topamos com o discurso do capitalista, também imprescindível para pensar a toxicomania. O capitalista é quem fornece a direção mais estruturada para suportar o mal-estar provocado pela impossibilidade de saber os *porquês* da existência, antes fornecidos pela religião. Mesmo as igrejas precisam do discurso capitalista para ofertar aos fiéis alguma

direção, pois o mistério e a espiritualidade dos ritos, já não seguram nem asseguram a angústia da indeterminação.

O sentido que o capitalismo pode dar ao mundo, me parece, é um só: produção. Esse é o imperativo da modernidade. Cabe ao homem moderno desenvolver tudo, ao pleno potencial de suas forças e *produzir, produzir, produzir*. Os pais já não dizem aos filhos que sejam médicos ou advogados, pelo prestígio ou pela beleza de velhos ideais; dizem sim, que sejam médicos ou advogados, mas para que sejam ricos e construam coisas. Pois o correlato da produção é o *desenvolvimento*. O desenvolvimento é outro nome muito caro ao sentido da vida do homem moderno, presente de terapêuticas à políticas públicas.

Assim, ordens como: *produza, faça, construa, desenvolva, aprimore*, são uma convocação da linguagem, do *zeitgeist*, o espírito de nosso tempo, ou do Grande Outro, na forma que assume agora. São formas imperativas de dar sentido à vida e, portanto, de gozar, mas gozar falicamente, gozar tendo poder. O Outro diz: Goza! Mas goza por aqui, produzindo mais, crescendo mais, tendo e, portanto, sendo para o Outro algum nome importante. Esse Outro, o do gozo fálico se configura como Mefistófeles, o diabo, para Fausto.

No poema de clássico de Goethe, Mefistófeles oferece a Fausto, um velho mago enfasiado, todos os recursos para o desenvolvimento. Dinheiro, beleza, imortalidade. Mas o que fecha o contrato é que é verdadeiramente interessante. Fausto não pode proferir uma frase, uma frase emblemática que denunciaria estar vivendo um momento sublime, de perfeita completude e júbilo. A frase é: “Fique mais um pouco, você é *tão* bonito.”

Se disser essa frase, Fausto denuncia que está num gozo total e o diabo tem a permissão de interromper sua vida e levá-lo para o inferno.

Eis o que me parece ser a ironia que conecta Fausto ao gozo fálico: é quando Fausto se interrompe o deslocamento parcial, quando para num ponto de gozo e deseja que aquela felicidade dure para sempre que ele se perde. Em outras palavras, no gozo fálico sujeito pode experimentar o prazer, mas não deve querer que ele dure. O júbilo não pode ser eternizado. É a isso que o cínico rechaça.

No objeto droga, o discurso do capitalista sofre uma junção com o da ciência. Oferece uma terapêutica para o mal-estar, mas com um produto que sintetiza os ideais do grande projeto de simbolização da própria linguagem, encarnada na ciência, coma busca pelo programa de bem-estar e felicidade, o que define a toxicomania como uma saída ética (ela visa um bem: a *felicidade*, perfeita, sem furos) ainda que cínica.

O encontro desses projetos resulta num equacionar cada processo num signo que feche a multiplicidade de sentidos numa coisa só. E não seja necessário *pensar tanto*. Ou melhor, *afetar-se tanto*. Esse signo é ao mesmo tempo um objeto total, ou pelo menos com a promessa totalizante de um gozo que não precisa incluir mais ninguém, sendo, portanto, masturbatório.

Em outras palavras, a droga dá isto: o sujeito engole um significante para escapar do encadeamento, da teia de demandas que a lógica do próprio significante produz. São 50 gotas de rivotril para não ter que responder nem perguntar o que querem de mim. Uma pedrada de crack, direto na cabeça, e não preciso me preocupar com o emprego que *insisto* em achar que devia ter, não preciso sentir falta de nada nem me sentir demandado a nada.

Mas as demandas da linguagem voltam a surgir quando o gozo cínico é interrompido. Estiveram sempre lá, reprimidas pela intoxicação do corpo pela substância. Na abstinência, os afetos já não são suprimidos pela droga. E potenciais significações passam a brotar, reabrindo o que havia sido fechado no signo droga. O afeto, sem nome, vem do Outro e joga o sujeito num desamparo para o qual a recaída sempre se afigura como saída mais fácil, uma tentativa de saída do discurso, saída da linguagem, da abertura e parcialidade promovida pela divisão do sujeito.

Falta ainda conseguir estabelecer a relação dos afetos com a possibilidade de construção de sentido no gozo fálico, visto que são eles que sofrem o efeito da supressão tóxica no uso. Parece-me evidente que é suprimindo o afeto que se rompe com o gozo fálico, mas como se relacionam, então, afeto e falo?

Outras questões que se afiguram para mim ao cabo desse trabalho são de diferenciação das formas de gozo:

Qual a diferença entre o gozo místico de Santa Tereza D'ávila que queria o encontro total com Deus, do gozo cínico de quem almeja apenas escapar dos desencontros com o Outro?

Qual diferença se pode traçar com a pura pulsão de morte e a repetição de recaídas que permeiam a formulação de sentido, o *reatamento* com o falo?

Será também que o gozo fálico, o do parceiro sintoma, não é ele próprio questionável como forma de gozo eleita pela sociedade? Que outros enlaçamentos seriam possíveis se o analista conseguisse escutar para além do que sua estrutura possibilita?

E, para finalizar, colocando-me na berlinda, qual será o gozo do analista que escuta a toxicomania?

Ronan Nascimento